

TERRITORIALIDADE NEGRAS: FRAGMENTOS DAS MEMÓRIAS FAMILIARES CONTIDAS, VIVIDAS E SOFRIDAS¹

Maria do Socorro Pimentel da Silva
Henrique Antunes Cunha Júnior

RESUMO

O artigo apresenta histórias e memórias de famílias afro-paraibanas localizadas no Engenho Buraco D'água e Serra da Paquevira no município de Alagoa Grande. É um convite para conhecermos fragmentos das histórias locais narradas pelos membros das famílias negras pesquisadas. Consiste na seção da qualificação da tese no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará/FACED, na linha de pesquisa: movimentos sociais, educação popular e escola, no eixo temático: sociopoética, cultura e relações étnico-raciais. Tendo como parâmetro a produção de pesquisadores negros(as) como o processo de autor-referência na produção científica. Nos debruçarmos no passado da nossa ancestralidade africana na perspectiva do fortalecimento das raízes históricas e culturais é um desafio acadêmico para remetermos e vislumbrarmos as lacunas no cenário educacional brasileiro no tocante as africanidades. Partimos do pressuposto de que a escola é *a priori* o espaço para a disseminação do conhecimento e desconstrução de estereótipos atribuídos a população negra. Pautamos a nossa pesquisa nos territórios negros alagoagrandense onde estão fincados os meus troncos velhos. Essas bases históricas precisam serem contadas e visibilizadas no desafio de demonstrar que a partir dos estudos realizados esses espaços são variáveis nos tempos individuais e coletivos memoráveis. No pensamento africano existe um conglomerado de fatores para a compreensão dos fatos sociais. Nas sociedades africanas, a ancestralidade indica a presença do passado, interferindo na construção de novas realidades pela intervenção das gerações de seres humanos. A ancestralidade é territorialização (CUNHA Júnior, 2010, p.04). Partindo desta afirmação podemos refletir que as histórias dos grupos humanos estão vinculadas as localidades e potencialidades desses respectivos locais e grupos. Buscamos nos orientar para realização desta pesquisa na Cosmologia Africana, que parte do princípio que os seres e as coisas estão inter-relacionadas e, que as categorias inserissem no tempo vivido. A afrodescendência como método de pesquisa prioriza a consciência social dos indivíduos e a experiência grupal. Trabalhamos as categorias: territorialidades, territórios negros, afrodescendência, memória, patrimônio cultural e identidade negra. A pesquisa se propõe compreender e ressignificar os processos de construção da memória das famílias negras pesquisadas a partir dos sentimentos de pertencimento familiar.

Palavras-chave: territorialidades, territórios negros, memória de negro, identidade negra e afrodescendência

INTRODUÇÃO

A nossa base familiar tem na região no município de Alagoa Grande, contribuições educacionais, econômicas e culturais que precisam ser elucidadas, valorizadas e, dessa forma,

¹ Artigo publicado nos anais do II COPENE NORDESTE. Disponível em: <file:///F:/PIMENTEL,%20TERRITORIALIDADES%20NEGRAS_%20FRAGMENTOS%20DAS%20MEM%C3%93RIAS%20FAMILIARES%20CONTIDAS,%20VIVIDAS%20E%20SOFRIDAS%20(1).pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

fazerem parte da história da cidade. O apagamento histórico naturalizado nos anais e na literatura brasileira não é diferente na Paraíba, negros e negras são secundarizadas ou invisibilizadas na sua trajetória de vida profissional, política, cultural. E, nesse viés de busca ancestral negra, buscamos orientar nossa pesquisa em pesquisadores/as negros/as que apresentam consenso na temática de que as histórias dos grupos humanos estão vinculadas às localidades e também nas potencialidades destes locais e das intervenções dos grupos humanos existentes nessas localidades.

A pesquisa da afrodescendência proposta pelo pesquisador Cunha Júnior tem orientado muitos trabalhos acadêmicos na área da educação, focando a historicidade dos fatos sociais. A “afrodescendência como método de pesquisa se aproxima da fenomenologia por priorizar a consciência social dos indivíduos e a experiência do grupo social, considerando a historicidade da experiência” (CUNHA Júnior, 2011, 03). Podemos dizer que os princípios da afrodescendência como categoria sócio histórica e antropológica compreende vivências, fazeres e experiências de determinados grupos humanos. E nesse caso específico, os grupos negros familiares/parentes, os troncos sanguíneos Pimentel, Laurentino e Cosmo assentados no município de Alagoa Grande, no estado da Paraíba, nas zonas rural e urbana.

Tomando como base os ensinamentos do educador Paulo Freire (1988), quando nos apresentou palavra "mundo" como expressão de liberdade e, ainda na contemporaneidade, ela nos remete as correntes do escravismo criminoso do Brasil para com a população negra no tocante ao acesso aos bens de consumo, vida digna, aos processos de mobilidade social-político-educacional e cultural, entre outras variáveis internas e externas que excluem e oprimem afrodescendentes.

Pautada no reconhecimento e fundamentos das tradições populares da pedagogia freiriana, a qual busca o diálogo entre crítica e a esperança numa lógica dialética e, dessa luta, a transformação de poder e privilégios. É movida por essa busca de uma sociedade justa e igualitária, bem como norteada pelos princípios da afrodescendência como categoria sócio-histórica e antropológica que compreende vivências, fazeres e experiências de determinados grupos humanos, nos propomos a remexer o passado da ancestralidade parental.

E neste propósito de leitura de mundo, perpassando pelo diálogo com a minha práxis, problematizando o visto, o não dito, e o vivenciado nos vários espaços circundantes (família, escola, sindicatos, central sindical, movimentos sociais, conselhos e federação de psicólogos e nos partidos políticos...), na busca de respostas às inúmeras inquietudes epistemológicas. Prosseguindo na estrada constituída de várias espirais sobre as realidades imaginadas e as refletidas durante o percurso metodológico.

A investigação da minha abordagem temática percorrerá alguns conceitos que dialogam entre si. São conceitos que estruturam o quadro conceitual atuando no entrelaçamento do método da afrodescendência, aprofundando concepções norteadoras. E, nessa busca de compreensão conceitual trilharemos por olhares teóricos/as da temática, dando assim, uma base na fundamentação da tese.

Os lugares atribuem significados que auxiliam na construção da Identidade" (YADE, 2015). No caso específico desta pesquisa, esse lugar se chama Alagoa Grande, no estado da Paraíba, meu torrão natal, onde estão demarcados os cenários das construções das memórias e histórias de nosso núcleo familiar.

As cosmovisões africanas são bases importantes de sustentação para o ato de pesquisar. Os seus preceitos básicos como: memória, oralidade, biografias, autobiografias e ancestralidade estão conectados no processo genealógico como manutenção da memória.

A memória de um indivíduo estrutura-se a partir de sua origem familiar, e é repleta de símbolos que possibilitam a construção do tempo presente. Porém, ao se tratar de memória de famílias negras, nem sempre é possível traçá-la com precisão e linearidade. As rupturas são recorrentes; há sempre algo que a memória individual ou coletiva não pode alcançar. Refazer os percursos da memória por meio de narrativas biográficas pode ser um dos caminhos para estabelecer no tempo presente os conectivos estruturais da própria história (YADE, 2015, p. 30).

E, ainda, de conformidade com a autora acima citada, os conectivos estruturais são todos os aspectos materiais e imateriais que auxiliam no processo de histórias, os quais ligam e embasam a existência a partir da ancestralidade e das noções de pertencimento, constituindo-se a partir da memória posicionada como produtora de historicidade que imprime, no patrimônio na memória coletiva e na historiografia, marcas de pertencimento dos grupos que compõem os territórios (2015, p. 30).

“GRITARAM-ME NEGRA²!”: negra voz feminista

A estratégia utilizada para sobreviver a todos os processos excludentes que todas as mulheres negras vivenciamos no dia-a-dia, é que devemos seguir na auto-organização, para estarmos mais fortes como mulheres negras feministas e seres humanos em permanente

²Título do poema da compositora, coreógrafa e desenhista, expoente da arte afroperuanada Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra.

vigília do movimento vital de sobrevivência da espécie, nos enfrentamentos diários e sistemáticos antirracistas e anti-lesbo-transfóbicos, pelo bem-viver e pela vida das mulheres pretas brasileiras.

O orgulho negro, voz ancestral traduzida pelo trilhar das raízes fincadas na descendência afro-paraibana e oriunda dos canaviais alagoalandense no estado da Paraíba. Menina mulher negra, ousada, reflexo de personalidade paterna (Pimentel, *in memoriam*) não me deixei corromper pelas augurais do ódio racial e do assédio moral sistemático e patológico vivenciado. A minha história assemelha-se àquelas tantas negras mulheres que estão sendo perseguidas pelas injustiças sociais e amordaçadas frente aos ideais libertários de luta e resistências negras.

A motivação e habilidades adquiridas na construção de um Brasil que se auto-declare “negro” e assuma na implementação das políticas públicas para igualdade étnico-racial, asseguradas na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O racismo é estrutural e estruturante na sociedade que está vinculada diretamente ao princípio do poder, dos direitos, da regulação e exploração da vida e da morte. A prática do racismo por pessoas e instituições, traduzidas como comportamentos higienista, configura-se em agressão e opressão a corpos e carnes negras.

O silenciamento dessas condutas que “os/as racistas” concebem enquanto inferiores, contagiosos/as e impuros/as reforça a impunidade do sistema judiciário branco, seletivo e elitista, e que deixamos, enquanto povo brasileiro, de assegurar e fazer valer no território nacional o crime de racismo previsto na Lei nº 7.716/1989. Expondo o cenário do genocídio psicossocial, cultural e econômico da população negra brasileira, proponho neste trabalho, o convite individual e coletivo para integração da corrente humana do enfrentamento e combate a todos os tipos de violação de Direitos Humanos – somente a luta garante conquistas.

E como referencial familiar, o troco-velho, o meu baobá ancestral é o saudoso pai Pimentel, dizia ele: - “Minha princesa negra, não existe sonho impossível para quem acredita nele..., não se curve perante os obstáculos, prossiga na trilha dos seus ideais, não olhe as dores e sofrimentos dos seus ancestrais, se espelhe nas histórias de resistência do nosso povo e orgulhe-se sempre da sua negritude, da cor da pele do seu velho pai!”

E foi segundo os conselhos do meu herói, que os tempos seguiram com cenários, etapas e vivências diversas ressignificando cada estágio de vida até os atuais dias. Olhando-me no espelho e refletida imagem desta negra-mulher, hoje, na idade do amadurecimento geracional, fortalecia e determinada na meta, no foco. Movida pelo empoderamento de gênero e identitário negro. Reascendida a chama libertária.

A minha história, também estar assentada nos colos de duas extraordinárias mulheres – Joaquina Pimentel (minha mãe biológica), e minha tia paterna, e a matriarca da família Pimentel, a tia Dinda (*in memoriam*), sábias mulheres que são consideradas sustentáculos ancestral que nos move e referenciais de dignidade humana no Sítio Buraco D'água e na Serra da Paquevira no município de Alagoa Grande no estado da Paraíba, Nordeste brasileiro.

Passos lentos ou longo, somos vozes de gerações que repassam sabedoria dignificando a resistência secular do/a negro/a no brasileiro/a. Somos raízes fortalecidas, folhas multiplicadoras, frutos de ventres florescidos e do tronco de baobá. Corpos de ébano resistentes e atentos aos desafios da existência. E se as tentativas de nos interditar, anular, temos pela força do sentimento de pertencimento, da irmandade que nos fortalece e nos inspira em mulheres e homens defensores da vida e do ser e viver a negritude. Resistência é o que nos define.

Negra Mulher

Ser mulher, ser negra
Nessa sociedade patriarcal, racista
É uma luta grande, mas não intimide
Quem já decidiu batalhar na vida.
Ser mulher, ser negra
E ter que enfrentar discriminação
Olhar atravessado, ver faltar o pão
Procurar emprego e receber um não.
Ser mulher, ser negra
Por vezes tratada como sem valor
E ter que ir em frente
Sempre sorridente suportar a dor.
Ser mulher, ser negra
Geralmente vista como incapaz
Ou ser alvo fácil, que a contra gosto
Distribui o gozo, carne que satisfaz!
Ser mulher, ser negra
E cada dia reunir mais forças
Para enfrentar a sociedade louca que sempre buscou calar nossa boca!
Ser mulher, ser negra
E sentir o peso do escanteamento
Contente por fora, sofrendo por dentro
Ver seus filhos mortos, ficar sem alento
Ser mulher, ser negra! É herdar a saga de um povo guerreiro:
Mulher de fibra, homens de coragem
Que para vencer se dão por inteiro!
Ser mulher, ser negra
É se revestir de pura resistência
Que nem de perto a sua aparência
Revela a força que é sua essência!

RACISMO, TERRITÓRIOS E PATRIMÔNIOS: TRILHAS TEÓRICOS, PENSAMENTOS E VISÕES

O racismo e as práticas discriminatórias disseminadas no cotidiano brasileiro não representam simplesmente uma herança do passado. O racismo vem sendo recriado e realimentado ao longo de toda a nossa história. Seria impraticável desvincular as desigualdades observadas atualmente dos quase quatro séculos de escravismo que a geração atual herdou (Extrato Documento da Delegação Oficial brasileira, levado para Durban, *in* Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, 2013, p.130).

Uma das contradições do sistema escravocrata no Brasil no que tange ao paradigma eurocêntrico reside na realidade dos/as escravizados/as enquanto dominadores das técnicas agropecuárias dos conhecimentos, as quais lhe auxiliaram na vida nos trópicos. Aportados pela formação ancestral mais arquitetadas que os escravizadores/colonos, o que em suma é negado e negligenciado estruturalmente na história oficial nacional. Cunha Júnior (2019) dialogando sobre esta realidade afirma que o racismo antinegro consiste num processo de desumanização e instrumentalização sistêmica da violência física.

A Cosmovisão Africana operacionaliza as diferenças epistemológicas, promovendo e visibilizando o conhecimento das africanidades e das afrodescendência, dando-nos a oportunidade de fazer a distinção da visão hegemônica do eurocentrismo da africana.

A base africana parte do reconhecimento e respeito a todas as pessoas, introduzindo novas possibilidades de expressões culturais autônomas. A mobilização e articulação de resistência negra no Brasil através do Movimento Negro são consideradas um fenômeno que emerge dos primeiros grupos de africanos (as) traficados(as) para o Brasil, que lutavam por dignidade e emancipação e, também, pela preservação de suas expressões materiais e imateriais. Essas manifestações da busca de igualdade de direitos, acesso e permanência nas escolas, valorização da cultura, ainda se constituem pautas permanentes na luta antirracista no Brasil.

Na pesquisa, definimos alguns conceitos considerados relevantes: identidade de negro, memória de negro, território negro, territorialidade, afrodescendência, patrimônio cultural material e imaterial.

Segundo definição de Cunha Júnior (2019), identidade de populações negras e identidade de pessoas negras são conceitos que sintetizam os qualificadores de identidades

coletivas e identidades individuais. Remetemos a noção de Muntu nas sociedades Bantu, onde os seres humanos são considerados pessoas dentro das sociedades devido aos processos de socialização (CUNHA JUNIOR, 2010). As pessoas são Muntu em decorrência da relação como meio ambiente, os territórios e coletivo de pessoas. E a pessoa, é decorrente das relações sociais produzidas ao longo de sua história em constantes transformações do ambiente que se encontra inserida.

A identidade é um conceito que comporta definições múltiplas e explica modos de vida de uma pessoa ou de um conjunto de pessoas (SOUZA, 2010, p.12). Para compreensão conceitual e prática do conceito podemos buscar fundamentos nos processos educativos das sociedades tradicionais africanas, nas quais se educam as crianças, fundamentalmente contando e cantando provérbios histórias e mitos

Acerca da memória de negro tange narrativas de interpretação dos fatos pautados pela experiência social da população negra (SOUZA, 2010). Sendo que cada um dos fatos culturais pauta uma seletividade da memória com fator de importância. A memória coletiva e a individual são estabelecidas em consensos, tratando do passado sempre numa perspectiva do presente. A memória coletiva reforça sempre a existência do grupo social e do pertencimento a um setor da sociedade, de forma consciente ou não. Sendo também um fato social dinâmico, marcados pelas necessidades de inscrição dos acontecimentos e da participação neles.

Os lugares de memórias são partes dos lugares das narrativas orais e da oralidade, que fazem parte da construção histórica. E que, segundo Martins (2016), os lugares de memórias são parte dos documentos orais contidos nas memórias coletivas. São lugares sobre os quais várias pessoas falam como dando sentido as suas próprias existências.

Ao se propor práticas e estratégias para salvaguardar os bens culturais busca-se o reconhecimento e a valorização das diversidades dos grupos étnicos e Social existentes nos lugares, com suas especificidades e seus saberes. Constituindo-se, assim, como um patrimônio cultural que pode ser definido "como sendo formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história".

O patrimônio cultural de uma sociedade é também fruto de uma escolha e que, no caso das políticas públicas, tem a participação do Estado por meio de leis, instituições e políticas específicas. Patrimônio cultural é o conjunto de bens, materiais e imateriais que são considerados de interesse coletivo e relevantes para a perpetuação no tempo. Neste sentido, o patrimônio é um constructo social (PRATS, 1977). É a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras.

No que podemos entender como patrimônio cultural da população negra: é tudo que confira valor à memória, à identidade, à produção e à cultura negra (CUNHA JUNIOR, 2019).

Podemos ainda ressaltar que o patrimônio cultural não é só o que é materializado, escrito, musealizado e edificado. Outros elementos constructos podem se incorporar à memória oral e à oralidade como patrimônio cultural. Mesmo com avanços tecnológicos existentes na contemporaneidade, essas ferramentas não acessadas pelas populações periféricas das zonas rurais, das florestas ribeirinhas, com eficiência e rapidez e disponíveis a toda comunidade. Portanto, a oralidade tem uma relevante função social/educacional na transmissão do conhecimento para todas as gerações.

Territórios negros e territorialidade da população negra nos remetem aos "espaços geográficos habitados ou produzidos pela população negra sobre um lugar de moradia e suas extensões de uso" (CUNHA JUNIOR, 2019). O território é o lugar impresso de relações sociais e históricas elaborado por agentes sociais que neles vivem. "O território é um caleidoscópio representativo da vida, tem dimensões variadas no jogo das relações sociais, culturais (DOMINGOS, 2011). E para ilustrar espaço geográfico e sua importância no "lugar" nos reportamos à citação de Santos (1997/1999):

Espaço geográfico- um conceito da ciência geográfica tornou-se utilizado por todas as ciências humanas. O conceito de espaço geográfico permite delimitar uma área física e compreender a realidade ali presente nos seus aspectos sociais. O espaço geográfico transcreve a relação entre a sociedade e a natureza. O espaço geográfico é um campo de abstração científica e de representações simbólicas e que permite sintetizar e expressar as estruturas sociais em mais diversas dimensões, sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais e psicológicas. Pode ser definido como um conjunto de sistemas, de objetos e ações, isto é, os itens e elementos artificiais e ações humanas que manejam tais instrumentos no sentido de construir e transformar o meio ambiente seja ele natural ou social.

Africanidades e afrodescendência são enfoques conceituais pensados a partir da incorporação da dinâmica da base material e imaterial imbricadas na história das civilizações africana brasileira, as quais são fundamentais para a compreensão da formação histórica e social da civilização brasileira, tendo a Cosmovisão Africana como base operacional epistemológica. Africanidades e afrodescendência constituem parte de uma ruptura de paradigmas e da criação de um caminho epistemológico para a compreensão das relações sistêmicas elaboradas pelos grupos sociais presentes na vida brasileira. As proposições deste grupo de pensamento têm como finalidade uma interpretação da realidade das populações

negras fundamentada nas culturas e nas histórias destas populações. Procuram uma superação do eurocentrismo e do brancocentrismo pelo reconhecimento das culturas e identidades negras e pelo uso do pensamento de base africana. Com utilização dos paradigmas das africanidades e afrodescendência na educação, chegamos a uma educação focada nas realidades das localidades e atuante na transformação da vida (CUNHA JUNIOR 2013, p. 55).

Podemos observar no cotidiano escolar que essa temática tem causado resistência na Comunidade Escolar, constituindo-se como um grande desafio luta antirracista. Se fazendo necessário, portanto, a ruptura dos velhos paradigmas e numa ação coletiva consciente, o resgate da história e da memória da população africana e afrodescendente, visibilizadas na Lei Federal 10.639/2003, que sofreu ataques de retrocesso histórico com as reformas do ensino médio e da Previdência no cenário que nos apresentado no Brasil contemporâneo.

ESPAÇOS, SUJEITOS E CAMINHOS: ESCRITA EM PRIMEIRA PESSOA DE UMA PIMENTEL

A visão do todo e a necessidade premente da existência dos múltiplos olhares, da magnitude do viver um sonho latente, foi nesse mergulho de desejos de resoluções, de etapas acadêmicas (seleção, períodos, semestres). Foi nessa escalada que me trouxe a certeza de que o mito é real. Buscando a promoção de direitos retirados, a dignidade é ferida, alcei voo nas asas da águia ancestral, fortalecendo a pessoa, a identidade.

Percorrendo as trilhas do Engenho Buraco D'água chegamos à Serra Paquevira, depois de ruas, prédios e pessoas significativas da cidade de Alagoa Grande, tecendo fios da nossa história, dando significância e textura a trajetória individual que se faz coletiva e por ser negra-mulher, um caminho de lutas. Nesses territórios rodeados de simbologias, assentamos nossa história, a memória e a identidade.

Filha segunda de Joana dos Santos Pimentel e Sebastião da Silva Pimentel, nascida Alagoa Grande, no estado da Paraíba, no mês de junho dos anos cinquenta. A única dos quatro filho/as a possuir diploma universitário (orgulho e distanciamento familiar). Tendo como irmãos José, Fátima e Gardel. Sou uma negra-mulher, professora e psicóloga, ativista dos movimentos sociais negros na luta antirracista, e também, da luta sindical pela valorização dos/as trabalhadores/as em educação e da psicologia. Especialista em Educação Especial e Mestre em Educação, titulações feitas na Universidade Federal da Paraíba.

Foi nesse longo processo que passei por alguns espaços: profissional, sindical, político e social a saber: dirigente ou gestora pública da Associação dos Psicólogos da Paraíba (APP), Conselho Regional de Psicologia da 13ª Região, Federação Nacional Psicólogos (FENAPSI), Sindicato dos Trabalhadores(as) em Educação-SINTEP/PB, Central Única dos Trabalhadores (CUT), Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do PT, Coordenadora do Movimento Negro Organizado da Paraíba, Membro da Bamidelê Organização de Mulheres Negras da Paraíba, e uma breve passagem na Abayomi-Coletiva de mulheres negras na Paraíba. No tocante a profissão, fui professora da rede pública estadual de ensino da Paraíba nos ensinos Fundamental e Médio no município de João Pessoa; professora de Psicologia no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- campus Campina Grande; professora do curso de especialização em Psicopedagogia, nas Faculdades Integradas de Patos- PB (FIP) e, atualmente, psicóloga escolar/educacional da rede municipal de ensino na capital João Pessoa, com exercício na Escola Municipal Nazinha Barbosa, no bairro de Manaíra.

E nesse processo de visibilizar a negritude familiar, ressignificando conceitos e desconstruindo as faces do racismo colocamos no espaço de poder acadêmico da Pós-Graduação em Educação da UFC, focada no desafio institucional e pessoal, vencendo os obstáculos, o desalento, o silenciamento mórbido, a ruptura do modelo acadêmico na dialética morte X vida, nas contradições existentes do teórico às práticas, dentro e fora da UFC. O jorrar das vísceras e costurando fios vermelhos a história ser massificada pelas futuras gerações.

E com o intuito de reconhecimento e valorização da literatura negra, ressalto a produção de pesquisadores e pesquisadoras negras exemplo de: Cunha Junior, Sandra Petit, Kabengele Munanga, Solange Rocha, Clóvis Moura, Ivonildes Fonseca, Milton Santos, Piedade Videira, Carlos Moura, Waldeci Chargas, entre tantos outros nomes academicamente conceituados(as) que têm levado a temática das africanidades dentro e fora dos muros acadêmicos fugindo do modelo imposto pelos programas de graduação pós-graduação das instituições de ensino, majoritariamente eurocêntrico, masculino e branco.

REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, Henrique. A espacialidade urbana das populações negras: conceitos para o patrimônio cultural. In: Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bie; Maria Saraiva da Silva (orgs.). Afro-patrimônio cultural Fortaleza-CE: Editora Fi, 2009-artigo.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais/instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília-DF: Iphan, 2012

YADE, Juliana de Souza Mavoungou. Vozes e territorialidades no pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária- O caso do Cururuquara. 2015. (Tese). Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de; NUNES, Cícera; CUNHA Júnior Henrique; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira (orgs.). Educação e africanidade propostas para formação de professores sobre a Lei nº 10.639/2003. Curitiba CRV 2016.

QUEIROZ AIRES, Jose Luciano de *et al.* (args.). Diversidades étnico-raciais interdisciplinaridade: diálogos com as leis 10.639/2003 e 11.645. Campina Grande- PB: EDUFC, 2013, p. 350-352.

SILVA, Joselina da; PEREIRA, Amauri Mendes. Olhares sobre a mobilização brasileira para e III Conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e intolerâncias correlatas. Brasília - DF: Fundação Cultural Palmares - MinC; Belo Horizonte: Nandyala, 2013, p. 130.